

Resenha

Sobre o livro “Más notícias, de Rodolfo Amoedo”, de Sonia Gomes Pereira: movimentos artísticos em questão

DOI: 10.20396/rhac.v5i1.18735

MARALIZ DE CASTRO VIEIRA CHRISTO

Professora titular do Departamento e Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora

 0000-0002-8957-0645

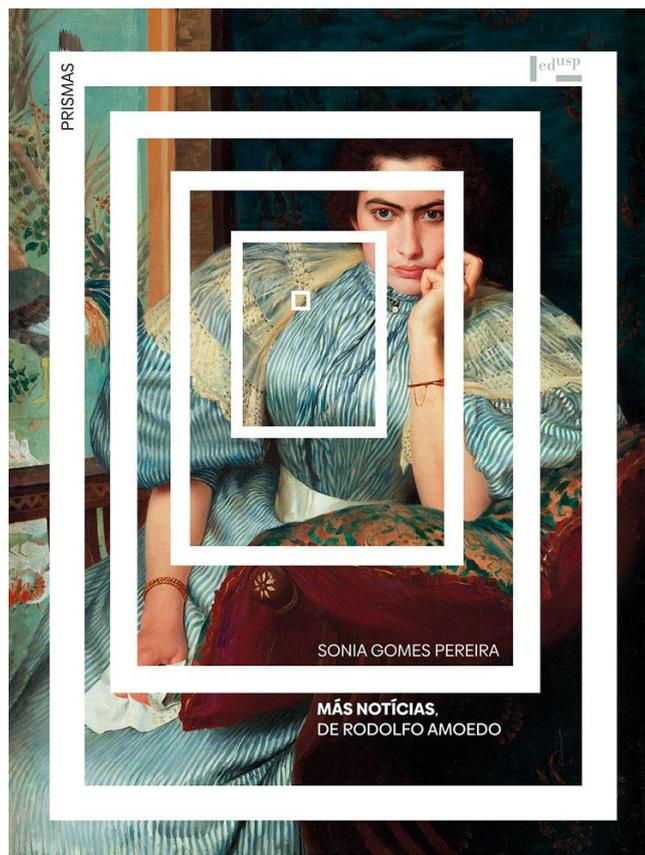
PEREIRA, Sonia Gomes. **Más Notícias, de Rodolfo Amoedo.** São Paulo: Edusp, 2023. 128 páginas.

A EDUSP iniciou, no final do ano passado, a Coleção *Prismas*, coordenada por Jorge Coli. Além de excepcional pesquisador, Coli demonstra contínua preocupação em divulgar o conhecimento produzido no âmbito acadêmico, principalmente nas áreas da história da arte e da cultura. O primeiro livro lançado, *Más notícias, de Rodolfo Amoedo* [Figura 1], escrito por outra pesquisadora incansável, Sonia Gomes Pereira, professora emérita da UFRJ, concretiza a proposta da coleção ao apresentar estudo aprofundado – de forma acessível a público mais amplo – de uma obra de arte específica, presente em acervo brasileiro, público ou privado. Além de explorar as singularidades de cada obra, a coleção pretende apresentar aos leitores a diversidade de interpretações, possibilitada pela análise de uma criação artística.

O livro de Sonia Gomes Pereira dedica-se à análise da obra *Más Notícias*, de Rodolfo Amoedo, de 1895 (Óleo sobre tela, 100 x 74 cm., Museu Nacional de Belas Artes, RJ), ao mesmo tempo que, a partir dela e com ela, sintetiza preocupações já expostas em alguns de seus livros anteriores.¹ O ponto que mais chama a atenção remete à retomada do debate de como situar uma obra face aos movimentos artísticos.

¹ PEREIRA, Sonia Gomes. **Arte brasileira no século XIX.** 2ª ed., Belo Horizonte: C/Arte, 2021; *Idem.* **Arte, ensino e academia:** estudos e ensaios sobre a Academia de Belas-Artes do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

Figura 1:
Capa do livro **Más Notícias, de Rodolfo Amoedo**, de Sonia Gomes Pereira, 2023, primeiro volume da Coleção *Prismas* – Foto: divulgação.



Na apresentação, a autora define bem o caminho traçado: “O que se pretende aqui é encarar esse período em sua especificidade, ou seja, em suas teorias e práticas artísticas próprias. E tentar entender os artistas da época, tanto europeus quanto brasileiros, dentro dessa cultura artística peculiar.”

A autora traça sucinta trajetória do artista, fixando-se nos momentos importantes para o entendimento de sua produção e da obra analisada, a exemplo do tempo de estudos em Paris e os contatos ali estabelecidos, ou do início de sua carreira, num ambiente de reforma e modernização, com a transformação da Academia Imperial de Belas Artes em Escola Nacional de Belas Artes. Também a pintura é apresentada, analisando sua composição e geometria, destacando os dois aspectos que mais captam nosso interesse: o olhar enigmático da mulher e o espaço pictórico reduzido.

Sonia reconhece em *Más notícias* uma tipologia de retrato feminino, comum à época, estabelecendo frutíferas comparações com obras de alguns dos artistas estrangeiros mais renomados e bem-sucedidos da época (Alexandre Cabanel, mestre de Amoedo em Paris, Paul Baudry, Henri Gervex, James Tissot, John Singer Sargent, Alfred Stevens e Giovanni Boldini). As

mulheres foram representadas sempre belas, bem-vestidas, sentadas, a maioria olhando para o espectador. Em comum, os retratos apresentam a descrição dos interiores e das vestimentas, espaços exíguos e a preferência pela paleta escura. Quanto ao estilo, a autora salienta: “Usando o mesmo tema e quase a mesma composição, essa série de obras transita, portanto, entre soluções artísticas usuais no final do século XIX, o realismo, o impressionismo e o simbolismo, segundo escolhas pessoais dos pintores”. As comparações evidenciam a qualidade do quadro de Rodolfo Amoedo, em pé de igualdade com obras contemporâneas europeias.

Constatando ter Amoedo aplicado em *Más notícias* uma tipologia muito corriqueira à época, Sonia propõe examinar as escolhas artísticas pessoais efetivadas pelo pintor na obra analisada. É de interesse da autora frisar, didaticamente, a pintura de um quadro como processo de tomada de decisões individuais frente ao espectro de práticas comuns à época.

No início do livro, esclareceu a pesquisadora como encara os movimentos artísticos:

Herdeiros de uma história da arte agora questionada, que se enquadra em estilos cronológica e rigidamente separados, muitos pesquisadores atuais procuram evitar os termos realista, impressionista, neoimpressionista e simbolista, com medo de incorrer em uma setorização típica de um pensamento linear e determinista.

Contudo, entendo esses movimentos como conjuntos de ideias e de práticas artísticas, como fruto da atuação de artistas e de críticos que pensaram os problemas de seu tempo e apontaram determinadas soluções e comportamentos.

Não se trata, portanto, de interpretá-los numa cadeia de causa e efeito, e nem de considerá-los peças de um caminho único e inescapável. Justamente ao contrário (...).

A autora apresenta informações básicas sobre os diversos movimentos, concluindo ser evidente a adesão de Amoedo, em *Más notícias*, ao realismo, na escolha de um tema do cotidiano contemporâneo, assim como, pela descrição minuciosa da figura e de elementos do ambiente doméstico burguês, alvos da mesma atenção.

As transformações do período, a difusão do realismo e sua chegada ao Brasil são abordadas, lembrando artistas que o incorporaram em algumas obras, tais como Belmiro de Almeida, Almeida Jr. e Henrique Bernardelli.

A exemplo de outros livros de sua autoria, Sonia gosta de instigar novas pesquisas e deixa o recado:

Muitos autores têm observado que o movimento pela Abolição da escravatura, que acontecia no Brasil e era contemporâneo ao realismo, não parece ter tido, na pintura, a repercussão que teve na literatura e entre os intelectuais. Os pintores brasileiros ligados ao realismo parecem ter evitado a denúncia social explícita; em sua obra, negros e indígenas aparecem sempre integrados à vida do país, nas tarefas que supostamente lhes eram devidas. Esse é um tema que poderia ser mais estudado, levando em consideração que, na Europa, o realismo de caráter mais crítico priorizou a representação de camponeses, e não de proletários, como se vê na obra de Courbet.

Ainda sobre o realismo, Sonia toca em um ponto por ela considerado fundamental: *Más notícias* faz parte desse grande grupo de pinturas do final do século XIX que segue o realismo tardio. O que significa isso? Além da identificação com o mundo contemporâneo, significa a possibilidade de o artista expressar, cada vez mais, como se dizia na época, o seu “temperamento”. Significa a natureza vista pelos olhos de um temperamento. Fato que permitiria aos artistas grande liberdade: “Levando em consideração a temática e a função da pintura, eles puderam gozar da liberdade de escolher, entre os estilos então em uso, aqueles que mais se coadunavam com seu temperamento.”

Sonia percebe em *Más notícias* um campo de experimentação. Além do realismo tardio, Rodolfo Amoedo teria flertado com o simbolismo. Ela avisa ser o simbolismo um termo vago, um guarda-chuva para manifestações variadas que valorizavam o subjetivo, a partir dos anos de 1880. A maioria das obras brasileiras de teor simbolista, nesse período, ter-se-iam alinhado à vertente idealista do simbolismo, menos estudada. São, na maioria, absortas figuras femininas, representando sentimentos e sensações ligadas ao devaneio e ao sonho.

O estado de espírito da mulher, ao ler a carta, é costumeiramente abordado por autores que já se debruçaram sobre o quadro de Amoedo, situando-o no jogo proposto pela pintura de gênero, ao nos estimular, muitas vezes, a decifrar narrativas enigmáticas como nos folhetins. Quais seriam as más notícias? O que, em seguida, fará a mulher? Porém, além disso, Sonia salienta a visão simbolista e nos apresenta várias pinturas de Amoedo, também exploradoras do universo dos sentimentos introspectivos femininos.

Outro elemento relativo ao quadro, enfatizado por Sonia, seria o espaço exíguo, suscitando o interesse pela planaridade. Mais uma vez, a autora lança mão de comparações muito adequadas para que o leitor compreenda a questão, a partir das próprias obras. Ela aproxima *Más notícias*, de Amoedo, do *Retrato de Émile Zola*, pintado por Manet, em 1868, mostrando o espaço diminuto, a cadeira e a figura humana em extrema frontalidade; assim como o contrasta com *Más notícias*, quadro homônimo de Belmiro de Almeida, produzido em 1897, o qual igualmente retrata uma

mulher sentada em um sofá, sofrendo, após ler uma carta, mas, em contraposição, num ambiente muito mais espaçoso.

Por fim, Sonia reafirma a diversidade da prática artística do período. Insiste no conhecimento, por parte dos brasileiros, dos movimentos artísticos em debate e na liberdade deles se aproximarem, dependendo do tema ou da função da pintura que executam. Quanto a *Más notícias*, enfatiza a liberdade de Amoedo misturar harmoniosamente, numa mesma obra, traços de movimentos diferentes, como o realismo tardio e o simbolismo.

Graças à importância do “temperamento do artista”, da vazão da subjetividade e da liberdade em efetuar experimentações com linguagens novas, Sonia conclui serem esses artistas, a exemplo de Amoedo, “nossos primeiros modernos”, antagonizando-se com os que ainda consideram obras como *Más notícias* pré-modernas.